

## RACISMO

Assim que aprendi a ler, no primeiro ano do curso primário, ganhei de presente um livro infantil de cujo nome ainda me lembro, “A Galinha Ruiva”, que foi o termo de iniciação de meu hábito de leitura, atuante e ativo até hoje. Continuei lendo tudo o que encontrava pela frente, até ganhar de meus pais “As Caçadas de Pedrinho”, que reli algumas vezes e me deixou encantado com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, inclusive a adorável Tia Nastácia, simpática cozinheira negra completamente integrada ao imaginoso grupo criado pelo autor. Foi por isso que fiquei indignado quando seu criador, o notável Monteiro Lobato, autor de muitos livros de sucesso - Cidades Mortas, Negrinha, O Presidente Negro, e outros - veio a ser apontado injustamente como racista ao descrever o papel da amorosa Tia Nastácia no sítio.

Tenho alguns amigos negros pelos quais sinto profundo respeito, eis que a cor da pele nunca foi para mim critério para escolha de amizades. O que ao meu ver conta, isto sim, são aquelas virtudes que a “traça não come” e a “ferrugem não corroi”, como adverte a recomendação bíblica.

Ainda recentemente exultei com a eleição da primeira mulher negra para a Academia Brasileira de Letras, a escritora Ana Maria Gonçalves, autora do belo romance “Um Defeito de Cor”, que constitui marco das letras brasileiras, e ao mesmo tempo regozijei-me que o Congresso Internacional de Botânica, realizado recentemente em Madri, houvesse resolvido retirar dos nomes científicos de cerca de duzentas espécies de plantas africanas, um termo tido como “racista”, supressão essa que aconteceu pela primeira vez por uma razão “não científica”. O tal termo proscrito é vocábulo “caffra”, do árabe “kaffir”, que na África do Sul é extremamente ofensivo para se referir a negros. Lá, o uso desse vocativo constitui inclusive crime, sujeito a multa e prisão.

Também ficou determinada a proibição de que nomes de novas espécies sejam direta ou indiretamente ofensivos a qualquer grupo social, o que me parece politicamente correto.

Mas penso que a negritude deveria ser exalçada com maior ênfase também de outra forma, como hoje já faz a TV Cultura, e não só e principalmente pela condenação teórica do racismo, ou ainda guardando feriado no Dia da Consciência Negra. É importante, sim, condenar práticas racistas, mas não se pode esquecer de que personagens negros, homens e mulheres de carne e osso, têm-se destacado em todos os campos do conhecimento humano, nas artes - a literatura em especial, como dito acima - nas ciências, nos esportes, enfim, em tudo que se possa pensar. São eles que devem ser lembrados e homenageados, como é o caso daquele tido como o maior jogador de futebol de todos os tempos, Édson Arantes do Nascimento, popularmente conhecido no mundo todo como Pelé, um negro simpático e risonho.

Como é sabido por todos, o berço da raça negra é o continente africano, que atualmente, depois de passar por diversos períodos em que a cupidez humana só pensava em explorá-lo, está desenvolvendo-se a olhos vistos, em ritmo acelerado. Louvemos de forma concreta, pois, a África e os negros, dando-lhes as mãos para caminharmos juntos.

Naquela tarde modorrenta em que bebericávamos excelente vinho italiano, minha conversa com Erasmo fluía calmamente. Quando quis ouvir sua opinião sobre racismo, ele pontificou, com o equilíbrio e a sabedoria de sempre, mas desta vez bastante emocionado: “Amigo Viganó, os brancos têm uma dívida para com os negros por causa da ultrajante escravidão. Cada um dos ditos ‘senhores’ que tratavam os escravos como objetos ou animais, já está pagando por isso, ou ainda irão pagar. A Justiça Divina nunca falha”. Balancei a cabeça em sinal de assentimento e naquele instante, tocados por intensa emoção, nós dois ficamos calados, olhando um para o outro sem nada dizer. Há momentos em que o silêncio fala mais alto que tudo.

Viganó

[darly.vigano@gmail.com](mailto:darly.vigano@gmail.com)